



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA**

**ANÁLISE LOGOTERÁPICA DA OBRA “PRECISAMOS FALAR SOBRE
KEVIN”: RESILIÊNCIA E SENTIDO DE VIDA FRENTE AO ABSURDO**

AMARILLIS CASIMIRO DO NASCIMENTO

CAMPINA GRANDE

2018

AMARILLIS CASIMIRO DO NASCIMENTO

ANÁLISE LOGOTERÁPICA DA OBRA “PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN”: RESILIÊNCIA E SENTIDO DE VIDA FRENTE AO ABSURDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento às exigências para obtenção do título de bacharel em Psicologia, sob orientação do Professor Edmundo de Oliveira Gaudêncio.

CAMPINA GRANDE

2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva”,
CCBS - UFCG**

N244r

Nascimento, Amarillis Casimiro do.

Análise logoterápica da obra "precisamos falar sobre Kevin": resiliência e sentido de vida frente ao absurdo/ Amarillis Casimiro do Nascimento. – Campina Grande, PB: O autor, 2018.

32 f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Dr.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Logoterapia. 2. Absurdidade. 3. Resiliência. I. Gaudêncio, Edmundo de Oliveira. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9 (813.3)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE

CURSO DE PSICOLOGIA
ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2017.2)

As 14:30 horas do dia 02 de junho de 2017 reuniu-se no(a) Sala 1 - Prédio do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal de Campina Grande a Comissão Julgadora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Atividade subjetiva de aula - Psicologia com uma história: Etnografia e relato de vida sobre a profissão do(a) aluno(a) Andressa Brito da Mota composta pelos professores de ensino e Defensora (Orientador(a) Luiza Henriete de Freitas Carvalho de Albuquerque) para a sessão de defesa pública do citado trabalho, requisito para a obtenção do Grau de Graduação do curso de Psicologia. Aberto a sessão pelo orientador(a), após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho de Conclusão de Curso, passou a palavra ao discente para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos membros da Comissão Julgadora e respectiva defesa do graduado. Nesta ocasião _____ (foram) foram solicitadas correções no texto escrito. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do aluno e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Ao(a) aluno(a) foi considerado(a) Aprovado(a), por unanimidade, pelos membros da Comissão Julgadora, tendo sido atribuído a nota 4,0 ao seu TCC. O resultado foi então comunicado publicamente ao(a) aluno(a) pelo(a) Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o(a) Presidente da Comissão Julgadora deu por encerrado o julgamento que tem por conteúdo o teor desta Ata que, após lida e em conformidade com as exigências da defesa, será assinada por todos os membros da Comissão para fins de produção de seus efeitos legais.

Campina Grande, 02 de junho de 2017.

Orientador(a)

Examinador(a)

Examinador(a)

DEDICATÓRIA

E tudo o que fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens," Colossenses 3:23. JESUS o sentido da minha vida, a Ti dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo meu coração a Deus, o Altíssimo, a quem dou todo meu louvor e adoração pela Sua graça que me sustenta e me fez chegar até aqui.

O meu mais profundo e sentido agradecimento aos meus pais Fernando e Aurelita por todo apoio, a minha amada irmã Amaíra e Emanuel meu cunhado, que sempre estiveram comigo na realização desse sonho. Sou grata por todo esforço, amor, carinho e por acreditar em mim em tudo que fiz, faço e farei. Eu os amo infinitamente.

Agradeço a família Casimiro, pela torcida, alegria e entusiasmo pela conclusão da minha graduação.

Sou grata a Jane Borba, Psicóloga Thaís Rabanéa, profissional na qual me espelho, e sua mãe Valéria Rabanéa, que sempre me impulsionaram a cursar Psicologia.

Ao Pastor Lucinho Barreto, mesmo não sendo alguém próximo a mim fisicamente, apareceu-me em um momento propício ao qual roguei muito a Deus em oração, quando me sentia extremamente perdida no meio universitário, sendo esse um campo minado, onde diversas vezes as pessoas tentaram me entristecer na fé, mas, suas pregações e experiências me fortaleceram muito, encarando essa realidade como um campo missionário, e a fazer Jesus conhecido com o meu viver.

Aos meus queridos e amados Amigos desde a infância, adolescência e de sempre. O meu sincero agradecimento a Jefferson Dias, Rossana Oliveira, Karol Abrantes (minha coaching), ItalaRayane, Ulysses Gomes, Jéssica Hanne, José Bruno. Meu muito obrigada, eu os amo muito.

À Maria de Lourdes (Lu), minha primeira amizade em Campina Grande, és uma pessoa pela qual torço demais, e que quero muito bem. Obrigada por me ajudar na construção do meu TCC, e em tudo quando necessitei.

À Euriberto Furtado que, mesmo sem me conhecer direito, estendeu-me a mão pra mim quando mais precisei para morar em CG, me auxiliando a entrar na Residência da UFCG, no qual seu apoio foi fundamental. Muito obrigada, por tudo!

À minha família da Residência - UFCG (Caps Family): Raul Nóbrega, Luiz Augusto, Joelmir Leite, João Paulo (JP), Everton Silva, Albertino, Jeyze Farias, Leandro, Ruan, Luis Piertson (Natuba), Marco Pires, Linderlaâneo, Patrícia Santos, e Dryelle Fernanda. Vivemos momentos inesquecíveis e inenarráveis. Muito obrigada, cresci muito! Vocês me ensinaram a ser resiliente (ahahaha).

Não obstante, nesse cenário, louvo ao meu Deus pela vida de Ana Paula (Aninha/Hermana) uma das pessoas mais integras que eu conheço, foi uma honra morar e dividir o mesmo quarto contigo. És uma cristã e amiga verdadeira em todos os aspectos, e mesmo distante se fez presente na conclusão desse percurso. Posto a isso, louvo também pela Equipe Cajado, composta por Josenilda Candido (Jô), a qual foi um presente divino também morar na residência, és para mim como uma irmã, uma pessoa incrível e dona de uma alegria contagiante. Assim sendo, através da sua vida, conheci pessoas maravilhosas nas quais me ajudaram a caminhar mais firmemente com Cristo e por quem tenho profunda gratidão (Jeovana Jisla, Jamile Nascimento, Fabiana Henrique, Jorge, Nazaré Dantas, Tati Fernandes, Margareth Mee).

Outro componente da equipe foi Geciel Monteiro (Geci), meu irmão maravilhoso que Deus me deu, sempre, sempre me ajudou em tudo, um amigo de verdade, a quem eu desejo as melhores coisas dessa vida e do céu. A Wellington Leonardo (Well) outro irmão a quem devo muito, você me faz sonhar coisas grandes, e sempre me impulsiona a avançar. E, por fim, a última componente Jeovana Jisla (Jeo), um ser humano lindo, na qual também contribuiu muito durante a graduação com seus conselhos, testemunho de vida e amor por Jesus. Obrigada meus queridos amigos, por tudo! Amo vocês, contem sempre com a minha sincera amizade e orações.

Aos funcionários da UFCG nos quais se tornaram grandes amigos, intrinsecamente agradeço a Verônica, que me cuidava como a uma filha; e a quem quero muito bem, és especialíssima para mim; a Alysson (irmão) louvo a Deus por ter te colocado na RUN, sou grata por todos seus conselhos e orações; a Seu Hélio, um homem nobre, disposto a ajudar a quem precisasse, sempre preocupado com os residentes, por ti tenho um carinho enorme, e sinto muitas saudades das nossas conversas; Dona Rose, tão alegre, muito querida e inesquecível para mim; Arlindo da copiadora (CCBS), sempre me desestressava quando eu ia tirar as minhas inúmeras xerox, logo foi embora deixando uma imensa saudade; Torreão Presley, a paciência em pessoa, muito competente e empático com todos os alunos; Seu

Ferreira, a Selma e companhia, Raimundiho (RU), Irene e Verônica (PRAC), por vocês tenho imensa consideração e respeito.

Apraz-me agradecer aos meus professores, em especial aqueles pelos quais guardarei grandes recordações e aprendizado, sou grata a Ivotônio (in memorian), Betânia Oliveira, Regina Ligia, Flávia Moura e a minha querida Elaine Gusmão, que me apresentou a Logoterapia pela qual estou encantada a estudar cada dia mais. Muito obrigada, por tudo! Além desses, fundamentalmente agradeço ao meu querido e amado professor/orientador Edmundo Gaudêncio, além de ser dotado de uma inteligência ímpar, é um ser humano sui generis. Um profissional faminto e sedento em contribuir para que as pessoas sejam mais resilientes.

Estendo meus agradecimentos aos meus colegas de sala e curso, especialmente a Ana Raquel, e sua família (irmãos) por todo apoio que me ofertaram para a conclusão deste trabalho, não tenho palavras para agradecer, vocês se tornaram pessoas extremamente especiais na minha vida, amo vocês; à Katarina Freitas, mais que uma colega de turma, uma amiga verdadeira que sempre expressa um carinho enorme por mim, disposta a me ajudar e incentivar em tudo, irei morrer de saudades dessa companhia formidável; à Livia Cavalcanti e Valqueline Costa, minhas queridas amigas e guerreiras, admiro-as demais, a vocês minha imensa gratidão. Não posso esquecer das figuras mais célebres durante a graduação, pessoas que eu admiro profundamente, a quem desejo e merece todo sucesso, a Alanny, Fernanda, Kissila, Inaiana, Mônica, Emília, Lorena, Janerson, Will, Emerson, Pamela, Mayara, Esaul, Graciela, Karol, Dyego, Samyr, Luna, Marília, Nalysson, Silnara, Evanilson, Luciana Luiz (me indicou a assistir o filme Precisamos falar sobre Kevin), Leonídia (Nídia) e a Enok Vanger.

Agradeço a professora Lorena Bandeira por ter me permitido assistir as aulas de Logoterapia na UEPB, me indicando textos e livros, nos quais favoreceram ao meu aprendizado e construção deste artigo. A Val da copiadora (UEPB), que me deu inúmeros conselhos da vida, profissão e sobre se dedicar aos estudos de uma forma tão linda, foi um prazer conversar com você.

E, por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho.

A todos, muito obrigada.

RESUMO: Este trabalho busca compreender as possibilidades de caminho existencial dentro de um contexto absurdo, analisando a obra “Precisamos falar sobre Kevin” através da teoria de Viktor Frankl. Na obra em questão, aborda-se o sofrimento de Eva Khatchadourian, a mãe de Kevin, adolescente autor de um massacre na escola em que estuda, quando matou a flechadas nove pessoas. Eva vivenciou essa tragédia que nos é contada pela escritora americana Lionel Shriver através das cartas que escreve para o marido. A história da personagem é a narrativa de um destino trágico, embora, ao mesmo tempo, sua existência possa ser percebida como um exemplo notável de resiliência e descoberta de sentido para a vida, mesmo diante do absurdo. Estudaremos tais questões recorrendo a trechos das cartas retiradas da produção supracitada, analisando-as à luz da Logoterapia e da ontologia dimensional de Viktor Frankl, precipuamente objetivando discutir os conceitos de transcendentalidade, autodistanciamento e autotranscendência, inseparáveis da noção de resiliência, tema central deste trabalho.

Palavras-chave: Logoterapia, Absurdidade, Resiliência.

ABSTRACT: This work seeks to understand the possibilities of existential path within an absurd context, analyzing the work "We need to talk about Kevin" through the theory of Viktor Frankl. In the work in question, the suffering of Eva Khatchadourian, the mother of Kevin, adolescent author of a massacre in the school in which it studies, when it killed the arrows nine people is approached. Eva experienced this tragedy that is told to us by the American writer Lionel Shriver through the letters that she writes for her husband. The story of the character is the narrative of a tragic destiny, although at the same time its existence can be perceived as a remarkable example of resilience and discovery of meaning for life, even in the face of absurdity. We will study these questions using extracts from the and self-transcendence inseparable from the notion of resilience, the central theme of aforementioned production, analyzing them in the light of Viktor Frankl's ontherapy and the ontology of dimensionality, in order to discuss the concepts of transcendentality, self-detachment this work.

Keywords: Logotherapy, Absurdity, Resilience.

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	9
1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1. “Precisamos falar sobre Kevin”:	12
2.2 Histórico e breves considerações teóricas sobre Logoterapia:	13
2.2. Recursos Noéticos.....	14
2.4. O Absurdo de viver e a Resiliência.....	16
3. ANÁLISE DA OBRA	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

PRÓLOGO

“Não é fácil contar minha história, mas, se a compreensão e os insights que obtive na terrível provação de Columbine puderem ajudar alguém, então eu tenho a obrigação moral de compartilhá-los. Falar abertamente sobre isso é assustador, mas é a coisa certa a fazer. É extensa a lista de coisas que eu teria feito diferente se soubesse. São meus fracassos. Mas o que aprendi implica a necessidade de um chamado a uma ação mais ampla, uma visão geral abrangente do que deveria ser feito para evitar não apenas tragédias como a cometida pelo meu filho, mas o sofrimento íntimo de qualquer adolescente.”

O Acerto de Contas de uma Mãe – A Vida Após a Tragédia de Columbine, por Sue Klebold, lançado no Brasil pela Verus Editora, 2016.

1. INTRODUÇÃO

Apesar de tudo, é suportável conservar uma esperança mesmo em situações trágicas? Como alguém pode tentar refazer a vida após um crime que não cometeu? Como viver diariamente com a rejeição por ser mãe de um assassino? Existencialmente, viver significa correr riscos – a maneira como o homem enfrenta, bem como supera o sofrimento, é uma evidência inegável de possuir um espírito resiliente.

Considerando essa possibilidade ou característica humana, aduz como contribuição para essa compreensão a Logoterapia, fundada pelo psiquiatra e filósofo austríaco Viktor Emil Frankl, que, por sua vez, caracteriza-a como um sistema psicológico humanista, existencial e noodinâmico, o qual toma por meta descobrir o sentido da vida (XAUSA, 1988). Objetivando isso, dedica-se a explorar uma nova faceta humana, a qual assinala como uma psicoterapia direcionada à dimensão noética (ou espiritual). De acordo com aquele autor, o ser humano sempre será exposto a situações que não escolheu, mas frente às quais é livre para se posicionar, visto que a dimensão humana é a dimensão da liberdade.

Um outro ponto a ser ressaltado diz respeito a essa liberdade, a qual sobretudo se manifesta quando o homem anuncia sua responsabilidade quanto a tentar superar e transcender a dor, fundamentando-se na liberdade espiritual da natureza humana.(LUKAS, 1990). Nessa perspectiva, a logoterapia busca resgatar os recursos noéticos, os quais fazem o sujeito assumir uma postura positiva frente ao sofrimento inevitável, como ocorre no autodistanciamento e na autotranscendência, graças às quais não se conjectura, na busca da felicidade, sobre a necessidade de suprimir aspectos existenciais negativos, mas conceder-lhes sentido diante do vazio existencial (AQUINO,2014).

São conceitos dessa ordem que aplicaremos à obra literária intitulada “Precisamos falar sobre Kevin”, embora, com essa designação, o livro se volte especificamente para EvaKhatchadourian, a mãe de Kevin, adolescente autor de um massacre na escola em que estuda, quando matou flechadas nove pessoas. Evavivenciou essa tragédia que nos é contada pela escritora americana Lionel Shriver através das cartas que escreve para o marido, Franklin Plaskett.O romance referido foi transformado em película cinematográfica, tendo sido filmada em Nova York e em Stanford, no estado de Connecticut, Estados Unidos, sob a direção da escocesa LynneRamsay, em 2011. Tendo em conta que o livro e o filme são obras de artes distintas, será dada maior importância, nesse trabalho, à obra literária.

De forma sumária, a história da personagem é a narrativa de um destino trágico, embora, ao mesmo tempo, sua existência possa ser percebida como um exemplo notável de resiliência e descoberta de sentido para a vida. Tal afirmação obriga à busca do aprofundamento dos conceitos de resiliência e absurdo, além de remeter à necessária investigação do por que a resiliência pode ser uma resposta afirmativa ao absurdo, sendo esse intrínseco à condição humana. Estudaremos tais questões recorrendo a trechos das cartas retiradas da produção supracitada, analisando-as à luz da Logoterapia e da ontologia dimensional de Viktor Frankl, precipuamente objetivando discutir os conceitos de transcendentalidade, autodistanciamento e autotranscendência, inseparáveis da noção de resiliência, tema central deste trabalho.

Colocam-se como justificativas para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso o interesse pessoal pela Logoterapia; a exigência formal de sua produção pela Universidade Federal de Campina Grande quanto à outorga do título de Bacharel em Psicologia; e a ausência, na Academia, de estudos que correlacionem a Logoterapia, a absurdidade da existência e a resiliência.

Por ora, apenas importa destacar-se o quanto a inspiração frankliniana oportuniza uma enorme sabedoria, pela via da resiliência, no que tange ao confronto com o sofrimento causado pelo sentimento de absurdidade do qual a existência pode se revestir.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. “Precisamos falar sobre Kevin”: Considerações sobre o livro e o filme

O enredo provocante de “Precisamos falar sobre Kevin”, de Lionel Shriver (2002), é resultado de inspiração decorrente dos massacres praticados por adolescentes em escolas norte-americanas, dentre eles destacando-se o “Massacre de Columbine” (EUA, 1988), no qual Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17, adentraram ao Instituto Columbine, no Colorado e, atirando contra colegas e professores, provocaram treze mortes, deixando vinte e quatro feridos, logo após suicidaram-se.

A autora dedicou-se a estudar esses diversos casos para então escrever “Precisamos falar sobre Kevin”, sendo essa sua sétima obra publicada. O livro de antemão fora recusado diversas vezes por notáveis agentes literários. Hoje, porém, é um best-seller publicado em vários idiomas, havendo recebido o Prêmio Orange 2005, atribuído pelo mundo livreiro inglês, como melhor romance daquele ano, tendo sido adaptado para o cinema, sob a direção de Lynne Ramsay, EUA (2011). Filme difícil de assistir e, ao mesmo tempo, envolvente, a película cinematográfica é angustiante e levanta inúmeras perguntas sobre a relação familiar entre Eva (Tilda Swinton), seu esposo Franklin (John C. Reilly), Kevin (Ezra Miller) e Célia (Ashley Gerasimovich), seus filhos. A narrativa escrita está pautada sobretudo na descrição do comportamento conflituoso entre Eva e seu primogênito, Kevin, desde quando ele era ainda um bebê, até à época em que, adolescente, praticou os crimes que se constituem como o clímax do romance. Ao longo da exposição, inúmeras perguntas vão ficando no ar, instigando o espectador a respondê-las. Haverá alguma explicação segura que nos deixará confortáveis para o que aconteceu?

Se, no longa metragem, a narrativa se dá através de flashbacks, tomados do dia do crime para os tempos de namoro dos genitores e o nascimento e crescimento de Kevin, deixando o espectador curioso quanto às respostas para as interrogações apresentadas a cada cena, na obra escrita, o foco narrativo são as próprias vivências de Eva, tal como expostas nas cartas que ela escreve, sobretudo rememorando o dia fatídico. Em ambas as obras, o romance e o filme, em comum, os conflitos entre Eva e Kevin, os questionamentos sobre a maternidade e, sobretudo, o questionamento, formulado por Eva, quanto à culpa que lhe é imputada pela sociedade, por ser mãe de um assassino. Eva também se culpa por isso? O que fazer de uma existência aparentemente sem sentido? E, apesar de tudo, como recomeçar? E, a despeito do que se vive, o quanto é possível resistir em situações de crise e de sofrimento, quando a

existência aparentemente constitui-se apenas como um absurdo? Tais questões remetem, em nosso entender, ora ao Existencialismo, ora à Logoterapia, teoria e prática fortemente influenciadas por aquela corrente filosófica na qual nos deteremos, aqui não cabendo tecer comentários sobre o Existencialismo.

2.2 Histórico e breves considerações teóricas sobre Logoterapia

A Logoterapia apossa-se de uma visão compreensiva do ser humano como totalidade, incluindo sua dimensão somática (física), psicológica (anímica) e a noogênica (espiritual). A palavra logos faz referência ao sentido, significado algo que o ser humano busca sempre frente às circunstâncias da vida, de acordo com Aquino (2014). Assim, o logos, segundo Frankl, está relacionado à parte noética (espiritual), a qual se distingue do psíquico.

No que diz respeito ao espaço clínico, a Logoterapia se ocupa das vivências referentes à habilidade criativa, aos valores morais e à investigação de como o homem se coloca frente aos inevitáveis desencantos da sua existência em busca do sentido (FRANKL, 2011).

Considerando isso, sabe-se que a Logoterapia é a Terceira Escola de Psicoterapia de Viena, ao lado da Psicanálise, de Sigmund Freud, citada como a primeira, em que se enfatiza a vontade pelo prazer, seguida pela Psicologia Individual, de Adler, na qual se evidencia o homem como ser dirigido pela vontade de poder, cogitando-as como características inerentes da psique humana (LUKAS, 1986). Frankl, por sua vez, propõe a vontade de sentido como força motriz das ações humanas (LUKAS, 1990).

Viktor Emil Frankl nasceu em Viena, sobreviveu a quatro campos de concentração nazistas, incluindo Auschwitz. Desde muito cedo se mostrou interessado pela medicina e temas das Ciências Naturais, sendo possuidor de enorme espírito crítico frente aos posicionamentos reducionistas, vez que, para ele, a personalidade e a vida possuem um significado mais profundo. Sua trajetória acadêmica foi marcada intensamente por correspondências que manteve com Freud durante longos anos, em sua juventude (XAUSA, 1988). Em primeira instância, reconhecia que Freud havia explorado novas percepções para o comportamento humano, a partir de uma concepção que Frankl considerava muito rígida. Uma vez na Universidade, foi ulteriormente influenciado por memoráveis pensadores como Kirkegaard, Jaspers, Scheler e Heidegger, os quais tentavam elucidar a problemática do homem pela vida existencialista. Segundo os Santos, Barbosa e Aquino (2010), nosso autor aproximou-se mais da teoria de Adler, por tratar de um existencialismo que se pode denominar de prático. Posteriormente, ao afastar-se do pensamento freudiano, e por conta de suas ideias orientadas para o sentido da vida, consideradas ameaçadoras ao pensamento ortodoxo de Adler, foi excluído da Sociedade Adleriana de Viena.

A perspectiva antropológica por ele proposta pode ser percebida pelo viés de três elementos: a liberdade da vontade, compreendida pela autodeterminação da pessoa humana, na qual a própria é quem decide render-se ou não às imposições da vida; a vontade de sentido, a qual pode sustentar genuinamente o entusiasmo do ser humano em busca de um significado (LUKAS, 1992); e, por último, o sentido da vida, considerado uma potencialidade humana a ser encontrada pelo próprio homem no seu meio externo (FRANKL, 2011).

Ao compasso do tempo, mudam-se constantemente as situações e, para Langle (1992), é possível contemplá-las tomando-se por base três categorias de valores: os valores criativos, que seria ofertar algo ao mundo, como um trabalho; os valores vivenciais, apoiado em receber alguma experiência de amor, como exemplo; e valores de atitude ou atitudinais, as quais constituiriam a maneira de posicionar-se diante dos desalentos da vida. No tocante ao pensamento desse autor, enfatiza-se a inerência dessa posição como uma forma de dar sentido ao sofrimento. Seu pensamento se completa com mais uma tríade, composta por: sofrimento, culpa e morte, dado que ninguém deixa de experienciar essas questões, conquanto, a proposta de Frankl, é que o homem possua um posicionamento otimista diante de qualquer tragédia vivida.

Dada a relevância de se descobrir o sentido no sofrimento, Frankl (1989) postula que esse sentido não advém de algo palpável no mundo e a ele não é inerente, variando conforme a pessoa humana e a circunstância vivida, posto que cada pessoa manifesta-se como algo único e irreprezível.

Frankl, indo ao âmago da questão, afirma: a transcendência de si mesmo constitui, assim, a essência da existência humana. Para ele o essencial não é a duração da vida, e sim a plenitude de sentido. O sentido, como a logoterapia o entende, é algo bem simples, é uma potencialidade latente em cada situação e que deve ser descoberto (XAUSA, 1988, p.145).

2.2. Recursos Noéticos

De acordo com o exposto, o homem, em sua existência singular, encaminha-se para, transcendendo-as, libertar-se de suas limitações, ora biológicas, ora psíquicas, ora sociais, à guisa de gerir ou transformá-las conforme seus planos. Partindo do pressuposto de que as

experiências de todo homem são de ininteligível compreensão em sua completude, é patente que, para a logoterapia, é de suma importância para o ser humano autodistanciar-se e autotranscender-se em busca do sentido, uma vez que será nessa concordância que o espírito se realizará (FRANKL, 2011).

Assim, Ortiz (2012), enfatiza ser o autodistanciamento e a autotranscendência características especificamente humanas, pois, a partir dessas, é possível desenvolver um trabalho terapêutico centralizado no sentido.

O Autodistanciamento acontece quando o homem toma uma posição afirmativa perante a dor e tende, com isso, a afastar-se de si mesmo, contemplando seu sofrimento de forma crítica. Isso lhe possibilita controlar os próprios atos impulsivos, tornando-se um sujeito mais empoderado diante de qualquer circunstância, frente toda situação e quaisquer decisões, sem ser refém do processo emocional de vitimismo que antes o aprisionava. Dessa forma, ele se direciona a aprimorar sua busca, agindo de maneira diferenciada diante das inevitabilidades que surgirem, obtendo uma nova compreensão existencial no mundo em que vive.

Para Ortiz (2012), do autodistanciamento resultam a autocompreensão, a autorregulação e a autoprojeção. A autocompreensão ocorre quando a pessoa começa o processo de compreender-se a si própria. A autorregulação, por sua vez, é a potencialidade da pessoa humana quando esta políca seus ânimos e estímulos, disposta a posicionar-se em oposição aos seus impulsos psicofísicos, conseguindo, assim, estar em equilíbrio e ponderar as situações de perigo. A autoprojeção, por fim, é a competência do homem quanto a projetar-se no futuro, esforçando-se a tomar atitudes distintas em face do que irá vivenciar. Portanto, o autodistanciamento constitui, na vida do sujeito, um posicionamento ativo de sua parte e, com isso, elaborar uma nova perspectiva para além dos seus comandos emocionais e cognitivos. Por outro lado, quanto à autotranscendência, segundo Frankl (1990), o indivíduo precisa abrir-se para o mundo, pois toda pessoa é naturalmente apta para a autotranscender, ou seja, ir além de si ou de suas forças. Isso resultaria da capacidade intencional da consciência a qual é, então, orientada para objetos intencionais, como algo com sentido e de valor. Para o autor, quando alguém não experimenta essa dimensão, sua qualidade de vida desmorona significativamente. Quanto menor forem os impedimentos de interação com o outro, mais saudável o sujeito se tornará. O homem funcionará melhor quando esquecer-se de si e se entregar ao outro. Agindo dessa forma, ele desenvolve a sua disponibilidade de ser tocado por novos sentimentos e de aumentar a sua criatividade, nisso realizando-se quanto ser humano e ressignificando sua existência.

Ou seja, o homem necessita diferenciar-se do outro, compreender que cada sujeito possui uma história singular e irrepetível, produzindo, com isso, autenticidade nas suas relações consigo e com o próximo. Seguindo essa premissa, no momento em que se deixa afetar, concebe a si próprio ser sensível a circunstâncias que apresentam significado e valor, conduzindo-o para a entrega, isto é, ultrapassar a si mesmo por causa de algo ou alguém de suma importância.

Essa perspectiva sobre a vida pode libertar o homem da rotina enfadonha, onde seus objetivos, sonhos e metas desenharão uma nova dimensão, tudo isso sendo possível para quem acredita e deseja ver a real beleza da vida.

2.4.O Absurdo de viver e a Resiliência

O ser humano é aquele que está diante do absurdo e tenta encontrar algum motivo para viver, ou seja, um sentido para existir, o assunto mais pensado e analisado pela Filosofia, justo por ser o mais difícil, dadas as tragédias individuais e cotidianas e, por isso, não rara a pergunta tão desafiadora que individualmente se há que responder: “Quem somos nós, enquanto seres humanos?”

Albert Camus (1913–1960) foi um escritor e filósofo francês nascido na Argélia, notável em termos literários e existenciais, o que foi provado sobretudo durante a infância, quando experimentou a miséria e a fome, e durante a segunda grande guerra, quando viu a morte de perto, isso contribuindo para consolidar sua fibra moral e sua filosofia.

Cada ser humano possui um fardo pessoal que carregar. Uns apresentam uma família para sustentar; outros têm tão somente a si mesmos, sendo isso tarefa ainda mais árdua, ao ter que se responsabilizar por si mesmo frente aos outros e frente ao mundo. Todos, entretanto tem alguma responsabilidade para com a vida, havendo que decidir-se pelo seu próprio destino e por destinos alheios, sendo sempre inquestionável a possibilidade humana do suicídio que, para ele era a grande questão colocada frente ao filosofar, tal como ele refere no “O mito de Sísifo”:

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. E se é verdade, como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o

exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo (CAMUS, 1942, p.19).

O suicídio é o tema central dessa obra na qual se discute, filosoficamente, o absurdo, graças a uma “filosofia do absurdo” – também denominada de “Absurdismo”. Esse absurdo que o autor nos apresenta é sobre o dilema humano em procurar o sentido da vida. A questão é saber se nós devemos viver conscientes dessa absurdidade, ou se a renúncia de existir seria uma atitude coerente perante o absurdo da nossa realidade, como indaga MOTTA (2017).

O mito de Sísifo não é unicamente o nome do seu livro, antes, refere-se à mitologia grega, em que um personagem chamado Sísifo vive o reflexo do absurdo por ter desrespeitado os deuses e enganar a morte. A partir disso, Sísifo, o filho do deus dos ventos, Éolo, é condenado a, eternamente, rolar uma pedra até o topo da montanha e, em lá chegando, a pedra rola montanha abaixo e Sísifo, por toda a Eternidade, há que repetir seu gesto absurdo.

Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. A clarividência que deveria ser o seu tormento consuma, ao mesmo tempo, sua vitória. Não há destino que não possa ser superado com o desprezo (CAMUS, 1999, p. 139).

A analogia que Camus faz com esse mito reflete, então, a nossa condição humana, na qual todo homem encontra-se imerso numa rotina e, pior, alucinado por dar sentido a ela. Logo, é nesse contexto que o homem deve decidir-se quanto a suicidar-se, na tentativa de fugir ao absurdo da existência, ou vive-la e enfrentá-lo. Seria essa, então, a questão mais relevante, pois a resposta por qual seja o sentido da vida é notoriamente a mais decisiva(MOTTA, 2017).

Em contrapartida, vejo que muitas pessoas morrem por considerarem que a vida merece ser vivida. Outros vejo que se fazem paradoxalmente matar pelas ideias ou pelas ilusões que lhes dão uma razão de viver (o que se chama uma razão de viver soa ao mesmo tempo uma excelente razão de morrer). Julgo pois que o sentido da vida é o mais premente dos assuntos —das interrogações. Como responder-lhes? Em todos os problemas essenciais (e por tal entendo os que podem fazer morrer e os que decuplicam a

paixão de viver) só há provavelmente dois métodos de pensamento, o de La Palisse e o de Don Quixote. É o equilíbrio da evidência e do lirismo o único que nos faculta ao mesmo tempo o acesso a emoção e à clareza (CAMUS, 1942, p. 19).

Citando um caso análogo, Viktor Frankl, judeu austríaco que viveu os horrores do nazismo e do holocausto, ousou justificar sua própria trajetória diante do absurdo da sua existência e, perante o que viveu, elaborou sua própria teoria acerca do homem em sua condição no mundo, como antes citado. Aceitando essa análise, vejamos a leitura peculiar de William S. Sahakian, professor de filosofia da Universidade de Suffolk, que, segundo Fabry (1984, p. 46), disse, certa vez:

“Frankl colocou o homem em seu lugar no plano das coisas, tornando-o um ser humano em vez de reduzi-lo, como o faz o reducionismo, ao invés, ao nível do animal. Restabeleceu o cosmos, a ordem e o sentido em nosso pensamento, e expulsou o caos, a desordem e o absurdo. Finalmente está contribuindo para restaurar a saúde mental do homem quando coloca sentido no lugar do absurdo, otimismo no lugar do pessimismo e o do cinismo, razão no lugar da irracionalidade.”

Com base no exposto, resulta clara a necessidade de fazermos breve reflexão sobre o conceito de resiliência, termo originalmente emprestado do vocabulário da Física, conquanto propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original, após terem sido submetidos a uma deformação elástica. No aspecto psicológico, designa a capacidade humana de adaptar-se às exigências do mundo, com seus contratempos e fatalidades impostos pela existência, possibilitando ao ser humano a arte de se adaptar ao novo, transformando agravos em aprendizagem (ACEVED, G.2002).Dito de outra forma, o termo define a habilidade graças à qual uma pessoa é capaz de erguer-se após uma queda, recomeçando a sua história, apesar de eventos estressores, sendo capaz de construir um novo significado para a sua vida, sem perder as esperanças, apesar de tudo(SILVEIRA ;MAHFOUD, 2008).Para Walsh(2004,*apud*SILVEIRA;MAHFOUD, 2008), as crenças pessoais e familiares estão inseridas no corpo e na alma da resiliência e, por conta disso, integra as atitudes que o sujeito toma a dar sentido à absurdidade, isso possibilitando enfrentar os desafios impostos com uma nova capacidade de enfrentamento determinada pela certeza que todo sofrimento tem seu sentido.

Com isso se pode perceber a conexão entre a ideia de resiliência e a noção de busca pelo sentido da vida que, quando encontrado, faz com que uma pessoa descubra o seu propósito

singular para uma existência única, ou seja, em última instância, leva-a a continuar vivendo, por mais absurda seja a situação em que se encontre (FRANKL,1989).

3. ANÁLISE DA OBRA

Ao início do relato da vida de Eva Katchadurian, ela é apontada por um pôster, numa livraria, como uma “legendária” profissional. Realizada como escritora, uma mulher independente, ousada, amante em se aventurar e conhecer diversos lugares, nos quais celebrava a liberdade com entusiasmo. Na época em questão, trabalhava como produtora de guias turísticos, viajando para países exóticos, na companhia divertida do namorado e depois marido, Franklin Plaskett. Uma realidade absolutamente distante de uma vida caseira e de uma cansativa rotina familiar.

No que se refere ao nome da protagonista, a sua eleição não foi aleatória. A Eva da Bíblia é aquela que teve participação na história da queda do homem, quando introduziu o pecado original no mundo, desobedecendo a Deus no instante em que comeu o fruto da árvore do conhecimento e, logo em seguida, ofereceu-o a Adão, quando o fez pecar também, isso, simbolicamente, afetando a toda a humanidade que, desde então, traria a marca da culpa. Esse acontecimento bíblico remete à Eva do romance em análise, vez que, como mulher e mãe,carrega uma culpa dolorosa.

Em oposição às demais mulheres, nas quais Eva aprecia estarem grávidas, achando belo as mães que manifestam alegria pela maternidade, Eva não sente atraída pela maternidade. Posteriormente, depois de anos de casada, percebe o avanço da idade e, então decide que está na hora de ter um filho, suspendendo o método contraceptivo. Por fim, ela engravida. Durante o parto, a médica roga que ela “pare de resistir”, vez que isso dificulta o nascimento da criança, como se esse fosse uma peleja. Com o nascimento do bebê, Kevin, Eva se vê em uma situação angustiante, dado o choro diuturno de um filho que não consegue acalantar e fazer calar. À vista disso, manifesta depressão, não oferecendo ao bebê qualquer forma de acolhimento maternal. O lugar de Franklin nesse drama é distante e vazio, enquanto ela se sentia isolada, insegura e desesperada, o que reforçava ainda mais sua recusa à maternagem. Seca, artificiosa, exercer o papel de mãe era seu maior pesadelo. A despeito disso, Eva intenta se posicionar como cuidadora e dedica-se a corrigir os comportamentos inadequados de Kevin, o pai, Franklin, porém, a todo tempo justifica-o as birras e maus comportamentos do filho, resguardando-o das exigências maternas, porque o amava incondicionalmente, sendo

essa, a superproteção, para ele, a sua concreta demonstração de amor, capaz de ocultar a enorme distância simbólica e afetiva de um pai presente, mas ausente.

A vida segue e a configuração do vínculo mãe-filho não avança e não se solidifica. Diante disso, escolhe engravidar de outra criança, na tentativa de absolver-se de estar condenada a ter um filho problemático como Kevin. É nesse contexto que Célia nasce, uma menina afável e carinhosa, o inverso de seu primogênito.

Na continuidade de seu drama e apesar de descontente por não conseguir sentir amor por seu filho, ainda assim diligencia de alguma forma aproximar-se dele, na maioria das vezes sem sucesso. Contudo, para ela existe um ponto-chave que a perturba: saber que Kevin só agia de forma autêntica na sua frente, fazendo-a conhecer seu lado mau, como se fosse para chamar sua atenção, mesmo que isso implicasse em comportamentos destrutivos da parte do garoto.

Kevin, então com 16 anos, arquiteta e executa, sem motivos aparentes, um grande massacre: em casa, a flechadas, assassina o pai e a irmã e, logo após, segue para o ginásio da escola onde estuda e mata, também a flechadas, sete colegas, uma professora e um funcionário, vítimas aparentemente escolhidas a dedo, sem que se saiba quais as motivações. Nesse massacre, simbolicamente algo se destaca: o uso de arco e flecha na chacina, arma em que se tornou perito e que, na narrativa do romance, remete aos raros momentos de afeto nos quais, ainda pequeno, Eva lhe lia a história de Robin Hood, considerando que esse era o conto preferido do menino Kevin, símbolo do que, antes sendo vivência de felicidade, transforma-se, para Eva, em sua maior tortura.

Após o massacre, Eva, morando sozinha, passa a viver reclusa, dado o fato absurdo de ser condenada pela comunidade como e enquanto mãe do assassino em massa em que seu filho se tornou, como se por isso ela fosse a exclusiva culpada.

Feitas estas anotações, vejamos alguns excertos de cartas que Eva escreve para Franklin, mesmo após seu falecimento. Observando que foram selecionadas aquelas que oferecem melhores contribuições para compreensão do modo de ser psíquico da personagem, do ponto de vista da Logoterapia e notadamente no que respeita à resiliência face ao absurdo do mundo.

“Cá entre nós, já comecei a me preocupar com a possibilidade de ter me apegado, de um jeito meio ambíguo, à desfiguração da minha própria vida. Hoje em dia, é apenas através da notoriedade que entendo quem sou e que papel desempenho nos dramas dos outros.

Eu sou a mãe de ‘um daqueles garotos Columbine’ (...) Nada do que eu faça ou digajamais vai sobrepujar o fato. É tentador parar de lutar e desistir. Talvez seja por isso que certas mães do mesmo gênero que eu abandonam toda e qualquer tentativa de voltar à vida que levavam antes, como diretoras de marketing ou arquitetas, e passam ao circuito de palestras ou então a liderar a Marcha de Um Milhão de Mães. Talvez tenha sido isso que Siobhan quis dizer com ‘vocação’ (p, 211).”

A principal questão levantada aqui é sobre a oportunidade e/ou possibilidade pessoal de mudar, dada a liberdade concedida ao ser humano quanto a isso, matéria celebrada pela Logoterapia como expressão do “poder desafiante do ser humano” em relação às agruras da existência (FABRY, 1984, p.46).

“Não vá você acreditar nessa balela. Não deixe que eles ponham nas suas costas essa matança toda. (...) É duro ser mãe. Ninguém nunca aprovou uma lei que diz que para alguém ficar grávida tem que ser perfeita

Já de volta ao meu duplex, estou envergonhada de mim mesma. Eu não precisava ter-me identificado como mãe de Kevin. Eu estava prestes a escrever “Não sei o que me deu”, mas receio que não seja bem assim, Franklin (p.220).”

Aqui é possível identificar o autodistanciamento, quando Eva, ainda titubeante, decide tomar uma postura madura ao distanciar-se de si pela tragédia vivida. A sua expressão de autodistanciamento é perpassada pela autocompreensão, na qual compreende a si, e tem a consciência do seu lugar no mundo. Isso a favoreceu expressar-se autenticamente. Essas ações de reflexão e capacidade crítica são encontradas também no processo da resiliência E, para que a pessoa se torne resiliente, faz-se necessário muitas vezes ter o apoio de outrem. Mesmo que tal suporte não exista, acreditar que há algum sentido nesse esforço é o suficiente para transcender a absurdidade, com melhor manejo e, dessa forma, assumir uma posição corajosa de enfrentamento.

“Claro que, logo depois da quinta-feira, tudo o que eu queria era me enfiar dentro de um bueiro e puxar a tampa. Eu ansiava por ficar de fora, como meu irmão, queria o esquecimento, se é que isso não é um mero sinônimo para desejar estar morta. Eu não me preocupava em sobressair. Entretanto, a maleabilidade do espírito é espantosa. Como já disse, agora sinto fome, e de muitas outras coisas além de frango (p.220).”

Caminhando rumo a uma resiliência ainda precária, para Eva, regular os próprios desejos não significa reprimi-los, pelo contrário, a autorregulação é facilitada pela autocompreensão, permitindo que Eva seja mais consciente das suas limitações, vez que essas atitudes contribuem para um melhor manejo das situações arriscadas a longo prazo, não optando para as de curto prazo, como o suicídio, colocado em questão nas entrelinhas, lembrando que a autodisciplina humana é a capacidade de passar pelas predisposições internas, opondo-se aos seus próprios comandos cognitivos e emotivos.

“Desprovida de companhia, fortuna e marido bonito, curvei-me para pegar o atalho mais garantido para ser alguém. Mãe do ignóbil Kevin Khatchadourian é quem eu sou agora, uma identidade significa mais das pequenas vitórias de nosso filho. A AWAP[uma companhia de guia turísticos, Eva decidiu criá-la com intuito de ajudar universitários a encontrar lugares agradáveis e baratos para se passar a viagem] e nosso casamento não são mais que notas de rodapé agora, interessantes apenas na medida em que iluminam meu papel comomãe de um garoto que todos amam odiar (p. 221)”.

Aqui, Eva faz uma reflexão sobre si mesma, portando-se de outra forma. Esse comportamento lhe permite melhor visualizar seu futuro, distinguindo com clareza e inevitabilidade a sua dura realidade, acreditando que pode transformá-la, aceitando quem é, agora, a mãe de Kevin, isso recordando que a autoprojeção é o centro da motivação humana em modificar-se.

“ Durante a primeira metade da minha vida, fui minha própria criação. A partir de uma infância melancólica e isolada, moldei uma adulta vibrante e expansiva, com domínio superficial de uma dúzia de outras línguas, capaz de se aventurar pelas ruas desconhecidas de qualquer cidade estrangeira. Essa noção de que

somos nossa própria obra de arte é muito norte-americana, como você se apressaria em ressaltar. Agora, minha perspectiva é européia: sou um rol de histórias de outras pessoas, uma criatura das circunstâncias. E Kevin assumiu a tarefa otimista, agressiva, ianque de se criar. Talvez eu esteja me sentindo perseguida por aquele por quê, mas me pergunto se de fato me esforcei para responder a questão. Não tenho muita certeza se quero mesmo entender Kevin, descobrir em mim um poço tão escuro que de suas profundezas os atos dele façam sentido. No entanto, pouco a pouco, aos trancos e barrancos, aprendo a racionalidade da quinta-feira(p.221)”

Apesar da fatalidade em sua vida, Eva configura uma nova versão de si e para si mesma, sem evitações e fantasias acerca do que vivenciara, no entanto, aceita sua condição atual sem sucumbir.

“O que Kevin fez na quinta-feira e o que fiz hoje, na sala de espera de Claverack [Loretta Greenleaf segurou a mão de Eva e apertou-a. Seus olhos marejaram. Apertou-a também de volta a mão por tanto e por tanto tempo que ela deve ter ficado com medo que ela nunca mais fosse soltar, isso ocorreu na sala de espera em Claverack, onde fica a Casa de Correção Juvenil de para adolescentes a que Kevin foi recolhido após a matança], distanciam-se apenas em escala. Desejosa de me sentir especial, estava decidida a captar a atenção de alguém, mesmo que para tanto fosse preciso usar o assassinato de nove pessoas (p.221)”

Para a Logoterapia, faz parte do cenário da vida o existente dever procurar obter um olhar diferenciado para fora de si, para o outro, ou para algum trabalho a ser realizado no mundo (FRANKL, 1989). Em consonância a isso, tem-se como seguimento a necessidade de buscar forças para suportar as adversidades.

“Você sabe que dia é hoje, não sabe?”, introduzi, timidamente.
 ‘Sabe por que eles me deixaram visitá-lo numa segunda feira?’
 ‘Ah, é claro. É meu aniversário.’ Kevin está finalmente voltando seu sarcasmo contra si mesmo. ‘Está fazendo dois anos’, continuei. Sinto saudade do seu pai, Kevin. Ainda falo com ele. Chego até a escrever para ele, se é que você acredita. Escrevo

cartas. E agora, elas estão numa grande pilha bagunçada na minha mesa, porque não sei o endereço dele. Também sinto saudade da sua irmã — muita saudade. E muitas outras famílias ainda estão arrasadas. Sei que os jornalistas, os terapeutas e talvez outros prisioneiros lhe perguntam isso o tempo todo. Mas você nunca me disse. Então, por favor, olhe nos meus olhos. Você matou onze pessoas. Meu marido. Minha filha. Olhe nos meus olhos e me diga por quê. Ao contrário do dia em que se virara para mim pela janela do carro da polícia, com as pupilas cintilando, hoje à tarde Kevin enfrentou meu olhar com extrema dificuldade. Seus olhos ficavam piscando, mantendo contato em movimentos rápidos, depois tornando a se desviar para a parede de concreto, com sua pintura alegre. E, por fim, ele desistiu, fitando um ponto meio à direita do meu rosto. ‘Eu achava que sabia’, respondeu, taciturno. ‘Agora, não tenho tanta certeza (p. 516)’”.

Outro fruto da autotranscendência é notável nessa relação: a capacidade de diferenciação permite que Eva possa “estar junto ao outro” no caso, Kevin, e gerar um vínculo autêntico, na tentativa de buscar um suporte social e de uma convivência mais adequada. Desse modo, isto implica respeitar as emoções do outro, sem menosprezá-lo ou que o faça sentir atacado, simplesmente permitindo ser quem é.

“Assim, fiquei perplexa ao descobrir que a resposta dele teve as palavras perfeitas. Para Kevin, progredir era desconstruir. Ele só começaria a vasculhar suas profundezas depois de se descobrir insondável. Quando Kevin finalmente retirou a mão da minha, foi para enfiá-la no bolso do macacão. ‘Olhe’, disse, ‘eu fiz uma coisa para você. Um... bom, uma espécie de presente.’ Quando ele puxou uma caixinha retangular de madeira escura, de uns dez centímetros de comprimento, pedi desculpas. ‘Sei que o seu aniversário está chegando. Não me esqueci. Trago seu presente da próxima vez (p.517)’”

A afetação é um impacto emocional que ocorre ao “ estar junto a “ algo de valor e sentido para a pessoa. Logo, essa afetação é uma percepção afetiva que comove Eva, impactando-a internamente com as atitudes inesperadas de Kevin.

“Mas o gesto me comoveu, e o trabalho artesanal era surpreendentemente bem feito. Ele me dera uns presentes de Natal nos velhos tempos, mas eu sempre soube que você os havia comprado, e Kevin nunca me dera nada desde que tinha sido preso. Fixando os olhos na mesa, ele empurrou a caixa um pouco mais na minha direção, depois tirou a mão. “Enfim, achei que você podia levar isso e, bem, talvez pudesse, sabe...” “Enterrá-lo”, concluí por ele. Sentia-me pesada. Era um pedido tremendo, porque, junto com aquele caixão de manchas escuras, feito à mão, eu teria que enterrar muitas outras coisas. Com ar grave, concordei. Quando lhe dei um abraço de despedida, ele se agarrou a mim feito uma criança, como nunca havia feito na infância propriamente dita. Não tenho muita certeza, porque ele resmungou isso para a gola levantada do meu casaco, mas gosto de achar que soluçou um “Sinto muito”. Correndo o risco de ter ouvido direito, eu mesma respondi claramente: “Eu também sinto muito, Kevin. Também sinto muito (p.518)”

O ser humano não somente deseja afetar-se por algo significativo ou por outra pessoa. A afetação promove uma ação, a de entrega, essa se faz quando o sujeito decide realizar o seu próprio sentido. Percebe-se nesse trecho, a capacidade de entrega entre Eva e Kevin, distanciando-se de sentimentos egoístas, favorecendo um momento ímpar em suas existências.

“Nunca me esquecerei de quando fiquei sentada naquele tribunal cível e ouvi a juíza de pupilas minúsculas proferir, em tom afetado, seu veredicto inocentando a ré. Eu teria esperado sentir um grande alívio. Mas não senti. A absolvição pública de minha maternidade, descobri, não significou nada para mim. Se tanto, fiquei irada. Agoradevíamos ir todos para casa, e eu me sentiria redimida. Ao contrário, eu sabia que iria para casa e me sentiria hedionda, como de praxe, e desolada, como de praxe, e suja, como de praxe. Em vez disso, minha postura foi repetidamente descrita nos jornais como “desafiadora”, enquanto minhas caracterizações

desagradáveis do sangue do meu sangue eram reproduzidas sem comentários, para me deixar na pior (p.519)”.

A liberdade, espiritualidade e a responsabilidade são os três componentes considerados inflexíveis na existência do homem. Logo, a pessoa humana é percebida como um ser livre, capacitada em posicionar-se com essa liberdade e em exercê-la de forma responsável, sendo movida pelos anseios de sua vida mesmo imersa em um contexto irreversível. A posição a ser tomada é descrita no tempo em que ocorrem o autodistanciamento e a autotranscendência, conjecturando-se que o ser humano é habilitado a transcender a si mesmo, inclusive através de uma outra pessoa, pela via do amor, no que concerne a uma das formas de busca de sentido (FRANKL, 2011).

“Mas, de lá para cá — e ao longo da redação destas cartas para você, descrevi o círculo completo, fazendo um trajeto muito parecido com o de Kevin. Ao perguntar petulantemente se a quinta-feira tinha sido culpa minha, tive que retroceder, que desconstruir. É possível que eu esteja fazendo a pergunta errada. Seja como for, debatendo-me entre a exoneração e a descompostura, só fiz cansar-me. Não sei. No final das contas, não faço ideia, e essa ignorância pura e serena transformou-se, ela mesma, num tipo engraçado de consolo. A verdade é que, se eu decidisse que era inocente, ou decidisse que era culpada, que diferença faria? Se eu chegasse à resposta certa, você viria para casa? É só isso que eu sei. Que, no dia 11 de abril de 1983, nasceu-me um filho, e não senti nada. Mais uma vez, a verdade é sempre maior do que compreendemos. Desde então, lutamos um como outro, com uma ferocidade tão implacável que chego quase a admirá-la(p. 521)”

O sentimento de culpa sentido por Eva reflete aos aspectos negativos oriundos de uma falha própria que dificulta o esquecimento, podendo gerar pensamentos que a perturbem por toda sua vida. Lukas (1990) considera esse fator como uma forma de aprendizado diante do qual, caso não exista a possibilidade de esquecer determinado fato, que lhe seja concedido significado.

Nesse aspecto, é notável que a logoterapia teime em ansiar pelo sentido, a qual objetiva oportunizar as probabilidades em alterar o comportamento diante das ocorrências fatídicas, propondo-se, nesse contexto, que a dimensão noética (espiritual) humana não

adoece. Por conta disso, deve-se recusar ficar estagnado em eventos passados, ao enfrentar enfermidades mas, sim, movimentar-se em direção aos recursos psicológicos, sendo essas as características mais tipicamente humanas que, no entanto, necessitam de estímulo, pois estão subentendidas em todos os indivíduos. Destarte, é mais proveitoso aceitar os episódios inevitáveis ao invés de questioná-los, disso extraindo o que se pode fazer com eles (LUKAS, 1990).

Em concordância com isso, Eva assume uma atitude de aceitação ao que ela foi condicionada a viver, no momento em que se compromete a agir com responsabilidade, ao invés de ficar questionando a irreversibilidade da situação infortunada, isso a remetendo à chance de libertar-se com a finalidade de buscar o sentido real para a sua existência.

“ Porque, depois de quase dezoito anos, faltando apenas três dias, posso finalmente anunciar que estou exausta demais e confusa demais e sozinha demais para continuar brigando, e, nem que seja por desespero, ou até por preguiça, eu amo meu filho. Ele tem mais cinco anos sombrios para cumprir numa penitenciária de adultos, e não posso botar minha mão no fogo pelo que sairá de lá no final. Mas, enquanto isso, tenho um segundo quarto em meu apartamento funcional. A colcha é lisa. Há um exemplar de Robin Hood na estante. E os lençóis estão limpos. (...) Com todo o amor da sua mulher, para sempre, Eva (p.521)”

A consciência e o amor são considerados características especificamente humanas. Amar requer compreender o outro com clareza, para além do que se encontra, não apontando suas particularidades de falha moral como pessoa, mas suas potencialidades. Para Frankl (2008), deve-se focar naquilo que ainda não está, mas que pode ser realizado, porque amar alguém é capacitá-la a realizar, realizando-se.

O que sacrifica dá sentido ao sacrifício sentido, valor, preço. Dar sentido quer dizer entregar-se. Não é o que eu guardo comigo que retém valor, é o que eu sacrifico que adquire valor (FRANKL, 1978, p. 263)

Por último, caberia considerar que, elaborar respostas às diversas questões embasadas nas ponderações e atitudes próprias, Eva vai ajustando a sua existência, ao tempo em que descobre que é ela quem faz o próprio caminho que se quer caminhar, ao justo tempo em que

se caminha, mesmo em meio ao mais absurdo dos sofrimentos – aquele que não é provocado diretamente pelo próprio sujeito.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teve como objetivo compreender as possibilidades de caminho (ou estratégias de enfrentamento) no contexto do absurdo, notadamente quando tal absurdo resulta da culpabilização por algo que alguém não praticou. Como foi possível constatar nas obras de Viktor Frankl, relacionadas às discussões sobre o absurdismo e a resiliência, exemplificadas nos excertos extraídos da obra de Lionel Shriver “Precisamos falar sobre Kevin”, o ser humano possui dentro de si a capacidade de superar qualquer adversidade. O auodistanciamento e autotranscendência seriam, então, uma possibilidade de caminho que pode libertar o homem da clausura do individualismo para capacitá-lo ir ao encontro do outro e realizar diversos projetos significativos. Porém, faz-se necessário ser consciente, desejar e agir dentro da realidade na qual se encontra inserido, pois o fim da vida não se encontra na autorrealização, mas, sim, em transcê-la.

De posse das informações colhidas, pode-se concluir que Eva soube atribuir um sentido incondicional à sua existência, fruto do seu sofrimento, desvelando potencialidades até então desconhecidas pela mesma. Dentre outras situações, isto a capacitou a decidir com responsabilidade, sem derrotismo, do que possa vir a ser e acontecer no seu futuro junto a seu filho. Desse modo, Eva percebe-se questionada pela própria vida e decide abrir-se ao mundo, transcendendo a si mesma, e caminhar de encontro ao outro, Kevin. Nesse momento renasce uma esperança capaz de desnorreá-la, orientando-a.

Por fim, não havendo sido incontornáveis os percalços enfrentados na confecção deste ensaio, resta referir que o papel do absurdo e da resiliência ainda é pouco estudado, na Academia e na Clínica Logoterápica, isso se constituindo como desafio para esta ou para outro autores.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A. **A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: articulações entre logoterapia e religião.** São. Paulo: Paulus, 2014.

ACEVEDO, G. (2002). **Logoterapia y resiliencia.** NOUS, (6), 23-40.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S., e colaboradores (Orgs.). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.** Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 23-38.

FABRY, Joseph B. **Aplicações práticas da Logoterapia.** São Paulo. Ed. Ece, 1990.

FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRANKL, V. E. **A questão do sentido em psicoterapia.** Campinas: Papirus, 1990.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus.** Petrópolis: Vozes, 1993.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida.** São Paulo: Quadrante, 2003.

LÄNGLE, A. **Viver com sentido: análise existencial aplicada.** Petrópolis: Vozes, 1992.

LUKAS, E. **Mentalização e saúde.** Petrópolis: Vozes, 1990.

LUKAS E. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito.** São Paulo: Loyola; 1989.

LUKAS, E. **Prevenção Psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia.** Petrópolis: Ed. Vozes; 1992.

MOTTA, E. R.D. **Um filme absurdo.** 2017. 40, 13 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ORTIZ, E. M. **El diálogo docrático em la psicoterapia.** Sociedad para el Avance de la Psicoterapia Centrada em el sentido. Colombia, 2012.

RAMSAY Lynne. **Precisamos falar sobre o Kevin.**..EUA : Jennifer Fox e outros, 2011.

SILVEIRA, Daniel Rocha; MAHFOUD, Miguel. **Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência.** Estud. psicol. (Campinas), Campinas , v. 25, n. 4, p. 567-576, Dec. 2008.

SHRIVER, Lionel. **Precisamos falar sobre o Kevin.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

XAUSA, Izar A. M. **A psicologia do sentido da vida.** Petrópolis: Vozes, 1986.